

Prop.: VIUVA SEBASTIÃO JOSÉ DO NASCIMENTO

História do Poeta Ramos
Patrício e Zulmira Feitosa
- Sofrimentos, Amor e Aventura -



— HISTÓRIA DO POETA —
RAMOS PATRÍCIO E
ZULMIRA FEITOSA

o—o—o—o

O amor é um gigante
que ainda não foi vencido
cujo braço vigoroso
tem ao mundo combatido
portanto quem enfrentá-lo
se considere perdido.

O amor quando é sincero
na luta não esmorece
como assim vivendo preso
não definha antes cresce
pois se torna ainda mais forte
na ocasião que padece.

Portanto eu quero contar
uma aventura de amor
nela se ver a bravura
de seu braço lutador
esmagando com coragem
um infame sem pudor.

Houve no tempo passado
na capital de Lisboa
um pescador muito pobre
mas filho de gente boa
o qual sendo muito esperto
não vivia tão à-toa.

Esse pobre pescador
chamava-se João Feitosa
a esposa era Maria
o apelido Mariosa
de quem nasceu uma filha
inteligente e formosa.

João Feitosa e Mariosa
devido a grande beleza
de sua filhinha única
viviam em contenteza
agradecendo a bondade
da divina Natureza.

Todo mundo admirava
essa menina de amor
e devido a tal menina
João Feitosa pescador
torçou-se bem conhecido
por ser pai daquela flor.

Preciso agora dizer
o nome da tal menina
o seu nome era Zulmira
sua beleza divina
era como o lírio branco
ao romper da matutina.

João Feitosa embora pobre
mandou Zulmira estudar
e ela logo aprendeu
ler muito bem e contar
cortar, coser, fazer flores
tocar piano e cantar.

Quando Zulmira chegou aos quinze anos de idade achou muitos casamentos dos rapazes da cidade mas não quis porque a eles ela não tinha amizade.

Ora, Zulmira enjeitou rapazes capitalistas enjeitou negociantes criadores e artistas e outros rapazes bons inclusive jornalistas.

Porém tomou simpatia a um poeta coitado que passava sempre as noites cumprindo o seu triste fado ao som de um bandolim como um pobre desprezado.

Chamava-se esse poeta Antonio Ramos Patrício filho de uma engomadeira que já não tendo outro ofício só deu-lhe as primeiras letras porém com mui sacrifício.

Antonio Ramos Patrício tendo muita inteligência quando ficou rapazinho começou com paciência estudar com um amigo e adquiriu ciência.

Zulmira uma noite ouvindo
Ramos Patricio cantar
uma canção pela rua
nele começou pensar
lhe vindo logo o desejo
de com ele se casar.

A canção dizia assim:
meu Deus! que grande tristeza
sofro eu constantemente
neste mundo de incerteza
cumprindo a lei do meu fado
chorando a minha pobreza.

---Meu coração também ama
mas de o dizer tenho medo
pois um pobre como eu
só pode amar em segredo
ó Deus tende dó de mim
me mandando a morte cedo.

---Pois a mulher a quem amo
a mim não consagra amor
pois vive a sonhar talvez
com quem tem maior valor
eu sou pobre!... e ela a mim
só poderá ter horror.

---Muitos filhos da riqueza
têm buscado o amor dela
e têm sido recusados.
ó! meu Deus que alma aquela
se os ricos são recusados
ai de mim que amo a ela.

Zulmira ouvindo a canção
lhe nasceu uma esperança
de se casar com Patrício
então lhe veio a lembrança
essa sentença que diz:
quem não morre tudo alcança.

No outro dia cedinho
Zulmira se levantou
Patrício na porta dela
as nove horas passou
Zulmira estando a janela
para ele assim falou:

---Senhor Patrício desculpe
o meu aborrecimento
eu desejo que o senhor
me copie neste momento
aquelas trovas que à noite
cantavas como um lamento.

Patrício entrou para sala
e começou a escrever
e Zulmira com sorriso
começou a lhe dizer:

---Estes seus versinhos tristes
já me fizeram sofrer.

Patrício lhe respondeu:
um pouquinho admirado:
Então meus versos não servem
visto terem magoado
o coração inocente
de um anjo tão delicado.

Zulmira fitou-o de frente
com seus olhos divinais
e disse: Seus versos servem
porque são tristes demais
eu gosto de versos tristes
porque sempre são leais.

Patrício nesse momento
viu que Zulmira o fitava
com olhar de simpatia
e dele se aproximava
com um sorriso tão doce
que a su'alma cativava.

Patrício que há muito tempo
vivia para morrer
por ter amor a Zulmira
porém sem ela saber
nesse momento sentia
um desmedido prazer.

E desse dia por diante
Patrício muito contente
daquela moça formosa
se tornou o pretendente
João Feitosa conhecendo
sentiu amargosamente.

E logo disse a Zulmira:
---Minha filha de amizade
não olhes para Patrício
que não tem prosperidade
precure outro rapaz
que tenha felicidade.

Zulmira lhe respondeu:
--Meu pai eu amo a Patrício
e espero casar com ele
embora com sacrificio
e se o senhor proibir-me
me leva para o suplicio.

--Olhe qu'eu sou muito pobre
desculpe eu dizer-lhe assim
a pobre que ama ao rico
se não for tola é ruim
portanto amarei ao pobre
porque não zomba de mim.

João Feitosa respondeu-lhe:
Pois bem não te empatarei
teu amor é soberano
teu desejo é uma lei
fazes o que te aprover
que nada mais eu direi.

Decorrido poucos dias
Patrício foi a Feitosa
e pediu-lhe a casamento
a sua filha formosa
e Feitosa deu-lhe o sim
de acordo com Mariosa.

Ficou justo o casamento
sem a menor novidade
e logo se propalou
a noticia na cidade
muitos rapazes ficaram
em grande contrariedade.

Um rapaz negociante
que preferia Zulmira
quando soube da história
disse com raiva: ---É mentira
mas logo teve a certeza
quase morria de ira.

Esse rapaz era ele
negociante e bandido
se fingia muito exato
porém roubava escondido
junto com quatro ladrões
cada qual mais atrevido.

Tinha um subterrâneo
dentro do seu armazém
muito escuro e profundo
e muito estreito também
aonde matava um pobre
sem ser visto por ninguém.

Esse máu negociante
tinha o nome de Sansão
e o nome dos bandidos
era um Absalão
outro se chamava Lino
o mais perverso e ladrão.

O terceiro se chamava
por apelido "Cuminho"
mas o seu nome era Ambrósio
homem malvado e mesquinho
o quarto era o mais bruto
e se chamava Agustinho.

Sansão que tinha desejo ardente em seu coração de se casar com Zulmira de ciúme encheu-se então e contra Ramos Patrício conspirou uma traição.

Botou diversas tocaias para agarrar a Patrício porém Patrício feliz não caiu no precipício até que por fim casou-se sem o menor sacrifício.

Mas quando fazia um mês do seu feliz casamento Patrício vinha uma noite d'um estabelecimento aonde tinha comprado para a ceia o alimento.

Passando n'um beco escuro viu-se de chôr agarrado por dois sujeitos robustos e foi logo amordaçado e com um pano nos olhos foi n'um carro transportado

Com meia hora depois estava ele coitado dentro de um subterrâneo com outro preso d'um lado e Patrício não sabia já por onde tinha entrado.

Então perguntou ao preso que avistou junto de si:

— Amigo, queira dizer-me que lugar é esse aqui?

O preso disse: — Eu não sei porque aqui não nasci.

Patrício ainda perguntou-lhe:

— Mas quem aqui me botou o preso lhe respondeu:

— Meu moço você chegou junto com dois mascarados que vêm sempre aonde estou.

--- Ouça o que vou lhe dizer eu fui preso há cinco anos e posto neste lugar e a ninguém causei danos mas aqui tenho sofrido tratamentos desumanos.

--- Fui preso por um bandido e roubado sem demora em cem mil contos de réis e antes de meia hora fui posto neste lugar onde está me vendo agora.

— Aqui me vi obrigado trabalhar de sapateiro comendo uma vez por dia um pão mesquinho e gosseiro trazido por um carrasco mascarado e desordeiro.

---Depois que aqui estou preso já tive dois companheiros mas todos dois faleceram devido aos tratos grosseiros agora chegou você preso por dois desordeiros.

Patrício quando ouviu isto sentiu o gelo da morte então disse soluçando:

---Óh! Deus poderoso e forte como Pai dos desgraçados tende dó da minha sorte.

Quando o dia amanheceu viram chegar dois sujeitos ambos vinham mascarados eram dois monstros perfeitos e logo foram dizendo:

--- Estejam bem satisfeitos.

Dizendo isto ordenaram ao dito preso primeiro dizendo: ---Seu Bonifácio ensine ao seu companheiro de hoje em diante para ver-mos se dará pra sapateiro.

No mesmo instante voltaram e o dito preso antigo cujo nome é Bonifácio disse assim: Oh! meu amigo você de agora em diante irá trabalhar comigo.

Patricio com Bonifácio
começou a trabalhar
então depois de seis meses
já sabia apalasar
e se fez bom sapateiro
naquele oculto lugar.

Agora falo em Zulmira
que já não vendo o marido
voltar a casa jamais
julgou ele ter morrido
e procurou seu cadáver
mas não foi aparecido.

Logo então desenganou-se
perdendo toda esperança
de encontrar o marido
e sendo muito criança
chorava sem ter consolo
com o marido em lembrança.

Quando completou um ano
Zulmira muito abatida
considerou-se viúva
tristonha e constrangida
cobriu-se toda de luto
sem ter mais prazer na vida.

Com dois anos de viúva
alguém lhe entregou na mão
lhe falando em casamento
uma carta de Sansão
o dito que conservava
à Patricio na prisão.

Recebendo ella essa carta lhe falando em casamento se mostrando aborrecida pois o seu constrangimento era tão grande que ella não tinha tal pensamento.

Sendo Sansão muito rico com trinta annos de idade João Feitosa disse a ella: ---Se tu me tens amizade respondes a Sansão que sim com a maior brevidade.

---Olhas que já estou velho quase não posso pescar e tu casando com elle poderás me auxiliar portanto não deverás a sua mão recusar.

Zulmira lhe respondeu: ---Meu pai, não tenho certeza que Patrício seja morto e seria uma baixeza casar-me com elle vivo não caio nessa fraqueza.

João Feitosa respondeu-lhe: ---Minha filha eu te garanto que Patrício não existe te juro por qualquer santo porque se elle existisse não se demorava tanto.

Zulmira então, refletindo no que o pai lhe dizia mandou dizer a Sansão que de bom gosto queria Sansão com esta resposta deu um pulo de alegria.

E sem nenhuma demora cheio de vida e contente mandou levar a Zulmira um rico anel de presente e Zulmira recebeu o anel de boa mente.

Quando faltava dois meses para o dito casamento o amigo de Patrício lá no escuro aposento estava para morrer no mais triste desalento.

Patrício vendo o amigo falecer qualquer momento lhe disse: Óh! meu Bonifácio se eu ficar neste aposento sem a sua companhia morrerei de desalento.

Bonifácio respondeu-lhe: --- Meu amigo paciência! olhe, você está moço... tenha fé na Providência pode ser que ainda saia desta triste residência.

Eu estou no fim da vida
e morrerei desta vez
pois tenho setenta anos
não durarei mais um mês
só peço a Deus que castigue
a quem tanto mal me fez.

--- Patrício, eu sou holandês
e possuo um documento
de um tesouro enterrado
na ilha do Seta-Vento
na América Meridional
com todo esclarecimento.

--- Esse rico documento
eu tenho preso comigo
numa bolça de borracha
e em verdade lhe digo
que o deixo para você
pois o tenho como amigo.

--- Se um dia você sair
desta prisão esquisita
leva consigo a fortuna
peça a Santa Mãe Bendita
para que ela lhe tire
desta prisão tão maldita.

E Bonifácio entregando
a Patrício o documento
lhe deu um grande desmalo
naquele mesmo momento
e morreu com duas horas
já por não ter mais alento.

Assim que Patrício viu
o companheiro morrer
abraçou-se com seu corpo
e sem poder se conter
começou a soluçar
tristonhamente a dizer:

---Óh! meu Deus tão poderoso
morreu o meu companheiro
que se fez para comigo
camarada verdadeiro
pois nunca deixou-me aqui
em morrer de desespero.

Portanto óh Jesus Clemente
manda me matar também
já que morreu meu amigo
a vida não me convém
se a vida não me serve
a morte me faz o bem.

---Oh! minha pobre Zulmira
não julgues qu'eu seja ingrato
que tenha te abandonado
cuspido em nosso contrato
pois não fui o causador
de me tornar pouco exato.

---Óh Maria Imaculada
defendei minha mulher
contra qualquer sedução
enquanto vida tiver
defendei-a da vaidade
ou doutra falta qualquer.

--- Vêde se eu sou criminoso
sofra eu, Zulmira não
também se eu for inocente
tirai-me desta prisão
ou então mandai-me a morte
qu'eu já não faço questão.

Nisto Patrício calou-se
soluçando na garganta
pois chegou um mascarado
que vinha trazer a janta
o qual vendo o velho morto
fez gesto de quem se espanta.

Logo foi examinar
mostrando alguma surpresa
se o velhinho estava morto
e quando teve a certeza
deixando a janta saiu
com a maior ligeireza

Mais tarde dois mascarados
ambos trazendo um caixão
entraram ligeiramente
na miserável prisão
onde estava Bonifácio
morto e frio sobre o chão.

Colocaram Bonifácio
no velho caixão imundo
depois disseram baixinho:
--- Esteja aí vagabundo
enquanto chega da noite
o seu silêncio profundo.

E dizendo assim saíram
e Patrício então tirou
Bonifácio do caixão
e num recanto o botou
depois de tê-lo coberto
no caixão se colocou.

Então dizia consigo:
---Eles me levam pra fora
desta prisão miserável
e talvez Nossa Senhora
como Mãe dos desgraçados
venha em meu socorro agora

Quando a noite estava calma
Patrício sentiu então
que alguém sem conversar
conduzia o seu caixão
depois presentiu que estava
dentro de outra habitação.

Pois houve alguém dizer:
--- Olha Lino, seu Sansão
mandou dizer a você
que conduzisse esse caixão
dentro de sua canoa
p'ra onde tem tubarão

Perguntou Lino ao alguém:
--- Mas quem foi que faleceu?
--- Foi o velho Bonifácio
o mesmo alguém respondeu:
--- Aquele que Agostinho
há sete anos prendeu.

Lino perguntou ao alguém dizendo: ---Amigo "Cuminho" e como ficou Patricio naquele lugar sozinho?
"Cuminho" disse: --- Dormindo no seu costumado ninho.

--- Porém como hoje na hora este amigo Absalão foi quem levou a comida a eles dois na prisão é quem nos pode dizer se ele estava alegre ou não.

Absalão respondeu:

---Encontrei ele chorando mas me vendo levantou-se p'ro ninho se retirando agora ficou dormindo e com Zulmira sonhando.

Disse Lino: --- Porém ele não sabe que seu Sansão vai se casar com Zulmira. com grande satisfação ai se ele soubesse disto se mordia de paixão.

---Aquela jovem formôsa não convinha ser mulher d'um poeta como aquele sem recurso e sem mister convém ser de seu Sansão que dar-lhe o qu'ela quizer.

--- Seu Sansão há muito tempo
vivia louco por ela
mas aquele desgraçado
conquistou o amor dela,
e já por isso caiu
em nossa grande "esparrela".

--- Seu Sansão já disse a mim
que depois que se casar
mandará envenená-lo
p'ra Zulmira não sonhar
e depois do bicho morto
eu vou jogá-lo no mar.

Patrício nesse momento
pôde então ser sabedor
por quem tinha sido preso
então cheio de pavor
no caixão não se boliu
pois não podia se opor.

Soube os nomes dos bandidos
um se chamava "Cuminho"
outro chamava-se Ambrósio
o que prendeu o velhinho
outro se chamava Lino
o mais perverso e mesquinho.

E soubê então que aquele
que viu ele na prisão
chorando a morte do velho
se chamava Absalão
e fôra ele e "Cuminho"
quem trouxeram seu caixão.

Com meia hora depois
às duas da madrugada
Lino levando o caixão
sem conduzir camarada,
remou para executar
de Sansão a embaixada.

Com duas léguas da praia
Lino parou de remar
e foi tirar o defunto
para jogá-lo no mar
com uma pedra ao pescoço
para o corpo não boiar.

Mas logo assim que tirou
ele a tampa do caixão
Patrício ergueu-se de dentro
e deu-lhe um grande empurrão
que Lino caiu no mar
tomado de sugestão.

Parece que um tubarão
por Lino estava esperando
pois assim que caiu água
o monstro o foi devorando
e Patrício na canoa
saiu pelo mar vagando.

Porém logo um vento contra
atirou com a canoa
para o lado contra a praia
e Patrício sobre a proa
por não saber onde ia
achava a carreira boa.

Logo então amanheceu
e depois deu meio dia
e chegou as quatro horas
e ele a praia não via
começou entristecer
por não saber onde ia.

Patricio morrendo a fome
o mar lhe fazendo guerra
começou então chorar
mas nisto avistou a terra
e já de noite saiu
n'uma praia da Inglaterra

Mais tarde um pescador
encontrou ele caído
quase sem vida na praia
cabeludo e mal vestido
o pescador entendeu
qu'ele fosse algum bandido.

Patrício fez um aceno
implorando a caridade
o pescador entendeu
então cheio de bondadé
levou Patrício pra casa
com muita amabilidade.

Patrício tendo comido
começou fazer acenos
implorando que cortasse
seus cabelos não pequenos
o pescador sem demora
o entendeu mais ou menos.

O pescador foi chamar
à um barbeiro vizinho
e este tirou a barba
de Patrício com carinho
também cortou-lhe os cabelos
que estava em desalinho

Quando o dia amanheceu
Patrício muito cortez
escreveu em um papel
dizendo: --- Sou português
me chamo Antonio e meus anos
vou completar vinte e três

Naquela praia morava
um português pescador
e o que Patrício escreveu
pôde ler e com amor
veio abraçá-lo na casa
do pescador protetor.

Patrício logo lhe disse:
--- Que vivia em penitência
e tinha cumprido o tempo
mas a Mão da Providência
fez ele sair ali
sem ter daquilo carência.

Portanto agora queria
vender aquela canoa
que se achava em terra estranha
Sem dinheiro e muito à-tôa
e mesmo assim precisava
embarcar para Lisboa.

O pescador português
para remir a Patrício
lhe comprou sua canoa
sem o menor sacrifício
e Patrício agradeceu-lhe
esse grande benefício.

além disso o português
para remir sua pessoa
deu a Patrício, calçados
um chapéu e roupa boa
e Patrício bem decente
embarcou para Lisboa.

Chegou Patrício em Lisboa
em um dia feriado
às cinco horas da tarde
o céu estava azulado
tinha Sansão e Zulmira
naquela tarde casado.

Patrício desembarcou
ligeiro se encaminhou
para a casa d'um velhinho
que dele sempre gostou
e sem dar-se a conhecer
por Zulmira perguntou.

O velho lhe disse: --- Moço
essa moça se esposou
com um poeta decente
mas, dizem que enviuvou
e hoje com um ricaço
segunda vez se casou.

Patrício disse: -- Me diga quem casou com ela agora? disse o velho: Foi Sansão negociante que mora na Avenida João de Barros grande cronista de out'ora.

— Casaram-se ás quatro horas e a festa está rolando inda não anoiteceu dizem que já estão dançando Patrício sabendo disto foi logo se retirando.

Logo douou os cabelos com um liquido cor de ouro de formas que depois disto se tornou um rapaz louro e resolveu-se ir olhar da esposa dele o namoro.

Quando Patrício chegou no sobrado de Sansão além de um baile animado estava n'outro salão moças cantando modinhas ao som de um violão.

Patrício então tendo entrado para o salão das modinhas logo avistou a Zulmira com muitas camaradinhas escutando algumas áreas cantadas pelas mocinhas.

Patrício bem disfarçado
disse para o povo assim:
--- Se o salão me consentir
e houver um bandolim
eu cantarei qualquer coisa
embora cante ruim.

Logo Zulmira lhe disse:
--- Pode cantar meu senhor
por aí há bandolins
e se caso é tocador
peça um que não lhe negam
e cante seja o que for.

Logo uma moça gritou:
— Eis aqui um bandolim
e entregou-o a Patrício
com sorriso de pasquim
e Patrício disfarçado
começou cantar assim:

— Sou poeta e desgraçado
tú és formosa e feliz
hoje de mim não te lembras
porém mal nunca te fiz
se de ti eu vivo ausente
foi o destino quem quis.

--- Hoje te vejo feliz
muito contente e formosa
deves gozar tua vida
já que fostes venturosa
só a mim convém chorar
a minha sorte, escabrosa.

--- Hoje tu não me conheces
pois estou muito mudado
porém sou aquele mesmo
que já vivi do teu lado
muito alegre e satisfeito
sendo por ti adorado.

Patrício dizendo assim
viu que o olhar de Zulmira
fitava a ele do jeito
de alguém quando se admira
então soltando um suspiro
do recinto se retira.

Passando uns dez minutos
chegou Zulmira outra vez
e convidou a Patrício
com calma e com polidez
pra ele ir tomar um chá
e ele questão não fez.

Zulmira indo com ele
baixinho lhe disse assim:
--- Senhor, pelo amor de Deus
tenha compaixão de mim
me diga como se chama
se não quiser ver meu fim.

Patrício disse: --- Senhora
ainda com sacrifício
eu lhe diria o meu nome
para não ver seu suplicio
pois salba dona, eu me chamo
Antonio Ramos Patrício.

Zulmira disse: --Porém tens a forma doutro moço e o conduziu para um quarto preso um braço ao seu pescoco dizendo: ---Vens me falar mais longe deste alvoroço.

Logo Patrício a Zulmira lhe contou todo passado e Zulmira soluçando deu-lhe um beijo em cada lado porém Patrício afastou-a pois estava enciumado.

Mas Zulmira disse a ele: --Vais para aquele salão aonde cantam modinhas e não dê demonstração qu'eu vou a sala de baile acarinhar a Sansão.

Patrício fez seu pedido e ela então procurou n'uma gaveta uma arma e um punhal encontrou e indo a sala do baile a Sansão apunhalou.

Sansão se vendo cravado em cima do coração deu um grito que estrondou e estende-se no chão e a festa se tornou n'uma grande confusão.

A justiça de Lisboa
que se achava ali também
logo prendeu à Zulmira
com palavras de desdém
Zulmira não encontrava
ali por ela ninguém.

Logo foi interrogada
pelo juiz de direito
ela a ele respondeu
com firmeza e com respeito
depois Patrício contou
o que Sansão tinha feito.

Contou na vista de todos
como foi sua prisão
e os dois anos que sofreu
junto com um aucião
e como pôde sair
vivo dentro de um caixão.

E disse os nomes de quatro
dos bandidos de Sansão
pois de quatro ouviu os nomes
quando estava no caixão
e disse: Lino e "Cuminho"
Agustinho e Absalão.

O Juiz mandou fazer
daquela corja a prisão
e foram presos, "Cuminho"
Agustinho e Absalão
menos Lino porque tinha
entrado n'um tubarão.

Estando o juiz ciente das infâmias de Sansão mandou logo os três bandidos residirem na prisão e perdoou a Zulmira nessa mesma ocasião.

E a riqueza de Sansão disse o juiz de direito que pertencia a Zulmira ela disse: --- Não aceito pois não quero ser herdeira deste infame sem conceito.

Nisto Patrício abraçou-a chorando dizia assim: --- Minha esposa me perdoa pois tu provastes a mim que és uma mulher santa e eu te julgava ruim.

Então Patrício e Zulmira abraçados no salão choravam como crianças e toda reunião dizia: — Viva Zulmira porque matou com razão.

Depois Zulmira levou Patrício a sua morada e foram viver felizes n'uma vida abençoada e nunca mais em Lisboa houve cena tão falada.

Com dois meses depois disto
Patrício veio em procura
do seu grande cabedal
conforme lia a escritura
que Bonifácio lhe dera
naquella prisão escura.

Na ilha do Solta-Vento
Patrício tendo chegado
não foi custoso encontrar
o seu tesouro enterrado
quinhentos contos de réis
dinheiro forte e cunhado.

Patrício muito contente
voltou para Portugal
n'um navio italiano
levando o seu cabedal
e foi gozar com Zulmira
uma vida sem igual.

E no mês que ele chegou
os bandidos de Sansão
foram todos fuzilados
pois do juri a decisão
foi a sentença de morte
e não houve apelação.

Porém antes confessaram
o susto que tinham tido
quando viram que Patrício
da prisão tinha fugido
dentro do caixão do morto
deixando o morto escondido.

--- 32 ---

E Sansão devido a isto
vivia quase assombrado
pretendia se mudar
depois de ter se casado
pois se Patrício existisse
ele estava desgraçado.

Mas as vezes se animava
aos seus dizendo assim:
--Talvez que Ramos Patrício
nunca denuncie de mim
porque Lino não voltou
todos dois tiveram fim.

Quá procurei demonstrar
O amor o quanto é forte
Se atreve enfrentar a morte
E não busca recusar
Conheço que quem amar
Ainda medroso sendo
Mas sendo preso ou se vendo
Em uma luta de amor
Lutará com destemor
O seu amor defendendo.

-- FIM --

Guarabira, Outubro de 1979

TIPOGRAFIA PONTES

Especialista em poesia popular
(Literatura de Cordel)

Rua Prefeito Manoel Simões, 20
C. E. P. 58.200 — GUARABIRA — PB.

José Alves Pontes

— AVISO —

Publicado por JOSÉ ALVES PONTES, com
autorização da Proprietária Viuva de Sebas-
tião José do Nascimento, sobre comissão.
